

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL**

GRASIELE DALBÃO RODRIGUES MODESTO DE CAMARGO

**DO ESPAÇO AO LUGAR, A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO PROAÇÃO DE
GUARAQUEÇABA PARA A COMUNIDADE LOCAL**

**MATINHOS
2012**

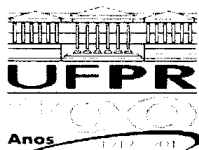
GRASIELE DALBÃO RODRIGUES MODESTO DE CAMARGO

**DO ESPAÇO AO LUGAR, A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO PROAÇÃO DE
GUARAQUEÇABA PARA A COMUNIDADE LOCAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Curso de Especialização em Questão
Social pela Perspectiva Interdisciplinar, Setor
Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Dr^a Helena Midori
Kashiwagi

**MATINHOS
2012**

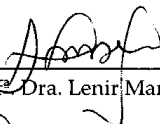


PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela Orientadora, Professora Doutora **HELENA MIDORI KASHIWAGI**, realizaram em 08/12/2012 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **GRASIELE DALBÃO RODRIGUES MODESTO DE CAMARGO**, sob o título "*Do espaço ao lugar, a representação social do PROAÇÃO de Guaraqueçaba para a comunidade local.*", para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante recebido conceito "APL".

Matinhos, 08 de dezembro de 2012.


Prof. Dra. Helena Midori Kashiwagi


Prof. Dra. Lenir Maristela Silva


Prof. Dra. Marcia Regina Ferreira


GRASIELE DALBÃO RODRIGUES
MODESTO DE CAMARGO
Estudante

LEGENDA DE CONCEITOS

APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

APS = Aprendizagem Percipiente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

OBSERVAÇÃO:

Todo(a) aluno(a) que não se conforma com a avaliação e/ou orientador(a) a reformular seu trabalho, deve-se registrar no verso as razões justificadas e assinado pela Banca Examinadora para o(a) próximo trabalho.



À Deus,

“Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas.” Romanos 11:36

Ao meu esposo, Daniel, por todo o amor e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a Deus que com imensa bondade e misericórdia me ajudou a chegar até aqui e que, com mão forte, tem me sustentado.

Ao meu amado esposo Daniel, meu maior incentivador!

À minha família, em especial, à minha mami Sônia.

À Sandra Frasson e Marco Antonio Barbosa por todo investimento na minha vida como profissional e como pessoa.

À Patrícia Benitez Romero pelo apoio e suporte.

Ao Grupo Marista pela possibilidade da pesquisa.

Ao ProAção de Guaraqueçaba, gestão, educadores e educandos por darem voz a essa pesquisa.

Às minhas queridas colegas, Joice, Paula e Renata que fizeram desse tempo um dos melhores e imprimiam sol mesmo em tempo nublado.

À querida professora Helena por sua generosidade em partilhar o saber e fazer do aprendizado uma relação de confiança e troca.

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

Paulo Freire

RESUMO:

Esta pesquisa teve o intuito de desvelar a representação social e a apropriação que a comunidade local, educandos e comunidade educativa têm do espaço do PROAÇÃO (Programa de Ação Comunitária e Ambiental) de Guaraqueçaba. Por meio da Teoria das Representações Sociais e da Teoria de espaço e lugar, originalmente advinda da Geografia Humanista, traçamos um cenário para servir de pano de fundo às escutas feitas com os sujeitos dessa pesquisa. Estas demonstraram, de maneira geral, que exceto a comunidade local, educandos e comunidade educativa, têm uma representação social do espaço muito positiva, com forte vínculo de pertença. No que tange a apropriação do espaço enquanto lugar percebeu-se que, de igual modo, educandos e comunidade educativa reconhecem esse espaço como lugar por meio do significado e da história que desenvolveram ali.

Palavras-chave: Representação Social. Espaço. Lugar. Guaraqueçaba.

ABSTRACT:

This monograph aims to unveil the social representation and ownership that the local community, students and educational community space has the Community Action Program and Environmental (PROAÇÃO) Guaraqueçaba. Through Social Representation Theory and the Theory of space and place, originally coming from the Humanist Geography, draw a scenario to serve as a backdrop for the wiretaps made with the subjects of this research. They showed, in general, except that the local community, students and educational community has a social representation of space very positive, with strong bond of belonging. Regarding the appropriation of space as a place it was realized that, similarly, students and school community recognize this space as a place through the meaning and history that developed there.

Keywords: Social Representation. Space. Place. Guaraqueçaba.

LISTA DE ABREVIATURA

APA	– Área de Preservação Ambiental
CMDCA	– Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
IDH	– Índice de Desenvolvimento Humano
IPARDES	– Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
PROAÇÃO	– Programa de Ação Comunitária e Ambiental
TRS	– Teoria da Representação Social
UNESCO	– Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – O O PROGRAMA DE AÇÃO COMUNITÁRIA E AMBIENTAL (PROAÇÃO) DE GUARAQUEÇABA	12
CAPÍTULO II – TEORIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL	14
CAPÍTULO III – O ESPAÇO COMO LUGAR	19
CAPÍTULO IV – AS VOZES DA COMUNIDADE LOCAL DO PROAÇÃO GUARAQUEÇABA	23
4.1 As vozes dos representantes locais	23
4.2 As vozes dos colaboradores I	29
4.3 As vozes dos colaboradores II	30
4.4 As vozes dos educandos I	32
4.5 As vozes dos educandos II	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	40

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa traz como foco principal o espaço do ProAção (Programa de Ação Comunitária e Ambiental) de Guaraqueçaba, suas atividades tiveram início em 2000 através de atendimentos médico-odontológicos ofertados para a população local. Após o ano de 2007, devido à necessidade de reposicionamento institucional, houve uma migração dos atendimentos da saúde, para a educação, a partir de então, começou-se a ofertar o Serviço de Apoio Sócio Educativo através de oficinas de contraturno escolar.

A unidade social está encravada na sede (região urbana) de Guaraqueçaba e, ainda hoje, se configura no único espaço que oferta esse tipo de atendimento às crianças. Os atendimentos médico-odontológicos atualmente são ofertados parte na unidade de saúde e parte no Hospital Regional de Guaraqueçaba, casos mais graves são encaminhados para a cidade de Paranaguá.

A partir desse cenário a pesquisa tem como objetivo geral desvelar a representação social que esses sujeitos fazem desse espaço e sua apropriação enquanto lugar pela comunidade local, tendo como objetivos específicos:

- Fazer escuta com representantes locais, colaboradores e educandos;
- Identificar a representação social que os sujeitos tem do espaço do ProAção de Guaraqueçaba;
- Desvelar a apropriação do espaço por parte dos sujeitos na perspectiva de lugar.

Como tipologia de pesquisa utilizamos a pesquisa qualitativa, por essa permitir uma captação de percepções que não são possíveis mensurar através dos números, mas onde podemos captar concepções, sentimentos e expressões. Como pensam o objeto? Que significado atribuem a ele? E para isso torna-se fundamental buscar as histórias de vida que interagem com nosso objeto proposto e como o fazem. MARTINELLI (1991, p. 20-21) define com clareza:

Na verdade, essa pesquisa tem por objetivo trazer à tona o que os participantes pensam a respeito do que está sendo pesquisado, não é só a minha visão de pesquisador em relação ao problema, mas é também o que o sujeito tem a me dizer a respeito. Parte-se de uma perspectiva muito valiosa, porque a medida que se quer localizar a percepção dos sujeitos, torna-se indispensável – e este é um outro elemento muito importante – o contato direto com o sujeito da pesquisa. Esse é o motivo pelo qual as

pesquisas qualitativas privilegiam o uso de uma abordagem em que o contato do pesquisador com o sujeito é muito importante.

Os dados foram então coletados através de entrevista semi estruturada com perguntas abertas, tendo o cuidado de manusear as informações para que se aproximem ao máximo da subjetividade dos entrevistados, por isso GARRET (1991, p. 19) faz um alerta:

O conhecimento que julgamos possuir parece provir da combinação de máximas populares e generalizações, baseadas na nossa experiência, que é necessariamente reduzida e alterada por nossas próprias limitações. Julgamos os outros por nós mesmos, esquecendo que o nosso ponto de vista é influenciado por um grande número de preconceitos e emoções, mais ou menos inconscientes.

Como sujeitos da pesquisa foram selecionados três representantes locais, sete representantes do grupo de colaboradores e representantes dos educandos que se manifestaram livremente em roda de conversa ao responder as perguntas.

A pesquisa está organizada da seguinte maneira. No primeiro capítulo “O Programa de Ação Comunitária e Ambiental (PROAÇÃO) de Guaraqueçaba” contextualizamos o espaço do ProAção de Guaraqueçaba, situando geograficamente e localmente enquanto entidade sem fins lucrativos, parte integrante do Grupo Marista fazendo um resgate histórico sobre sua trajetória.

No segundo capítulo discorreremos acerca da “Teoria da Representação Social” que embasa o objetivo geral e um dos objetivos específicos dessa pesquisa. Utilizamos autores que trazem as produções de Serge Moscovici e Denise Jodelet precursores na discussão sobre a TRS aplicada ao âmbito social.

No terceiro capítulo trazemos da geografia, em específico a humanista, a concepção do “Espaço como lugar”, por acreditar que ela se complementa a ideia de representação social de um determinado espaço; seus conceitos ganham significado, sentido e valor humano à medida que se vinculam a um determinado espaço.

No quarto e último capítulo, “As vozes da comunidade local do ProAção de Guaraqueçaba”, apresentamos os dados coletados e fazemos uma análise sobre as falas trazidas por cada um dos sujeitos da pesquisa e sua vinculação com a representação social que fazem desse espaço e em que medida é perceptível sua apropriação do espaço enquanto lugar.

Torna-se um desafio transmitir em palavras, percepções, sentimentos e subjetividades, contudo, esperamos que essa leitura transmita, mesmo que suavemente, a marca indelével que deixou em nós na aproximação desse grupo.

CAPÍTULO I

O PROGRAMA DE AÇÃO COMUNITÁRIA E AMBIENTAL (PROAÇÃO) DE GUARAQUEÇABA

Antes de falarmos sobre o local da nossa pesquisa, é preciso situá-lo, o ProAção de Guaraqueçaba é parte componente da Rede Marista de Solidariedade do Grupo Marista, conjuntamente com outros 24 Centros Educacionais e Sociais e três unidades de ProAção distribuídos nos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal. Com foco na defesa e promoção de direitos de crianças, adolescentes e suas famílias, o atendimento se dá de maneira direta através das unidades sociais, e indireta através da incidência no controle social de políticas públicas e do Centro Marista de Defesa.

Os atendimentos nessas unidades sociais acontecem de diversas formas dentro da especificidade de cada local, contudo, um aspecto lhes é comum: o enfoque na educação com viés de integralidade do sujeito e valorização da solidariedade no que tange sua relação com o outro e com a natureza. Outro ponto que a instituição aponta enquanto mote de suas ações é a participação das famílias e da comunidade no desenvolvimento de ações que promovam a cidadania e a emancipação desses sujeitos.

Para isso, a instituição por meio das unidades sociais desenvolve os seguintes serviços: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Apoio Socioeducativo, Educação Profissional e Orientação Sociofamiliar e Socioeconomia Solidária. Os atendimentos, somente nas unidades de ProAção, atendem a cerca de 690 adolescentes e famílias nas unidades de Fazenda Rio Grande, São José dos Pinhais, Curitiba e Guaraqueçaba, esse último com cerca de 190 atendimentos.

O ProAção de Guaraqueçaba foi inaugurado com sede própria em 29 de abril de 2000 em comemoração aos 500 anos do Brasil. Surgiu com o objetivo de promover a melhoria nas condições de vida da comunidade local através de atendimentos médico-odontológicos, os atendimentos foram ampliados em 2001 para o Programa da Saúde da Família em parceria com o Estado.

Essa proposta inicialmente vinha ao encontro das necessidades do município que, segundo dados estatísticos, ainda é apontado como um dos de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Paraná, estando na 393ª posição dos 399

municípios do estado. Contudo, Guaraqueçaba possui um dos ecossistemas naturais mais importantes do país, haja vista que a partir de 1985 foi criada a Área de Proteção Ambiental (APA) através do Decreto 90.883/85 cobrindo uma área de aproximadamente de 314.000 hectares. (IPARDES, 2012). Em 1999, a área recebeu o título de Patrimônio Natural da Humanidade, sendo reconhecida pela UNESCO como Reserva de Biosfera.

A população de Guaraqueçaba é formada por cerca de 54 comunidades, e está estimada em pouco mais de 7.000 habitantes distribuídos em maior parte na zona rural e apenas pouco mais de 2.500 na zona urbana, também denominada pelos moradores como sede. (IPARDES, 2012). As principais atividades econômicas giram em torno da pequena agricultura, o extrativismo, a pesca, prestação de serviços temporários, no pequeno comércio e na prática remanescente de artesanato. (CORRAZA, 2008, p.12).

O ProAção de Guaraqueçaba até 2007 centrava o trabalho nos atendimentos médico-odontológicos, a partir desse ano, houve uma migração da área da saúde para a área da educação, passando-se a atender crianças e adolescentes no Serviço de Apoio Sócio Educativo. Atualmente esse serviço desenvolve oficinas de contraturno escolar no período da manhã das 8h às 11h30 e à tarde das 13h30 às 17h nas modalidades de jogos cooperativos, meio ambiente, informática, artes cênicas, dança, artes visuais e música. A equipe do ProAção está composta por 11 colaboradores, sendo 6 educadores, uma cozinheira, uma pessoa nos serviços gerais, uma auxiliar administrativo, uma pedagoga e uma gestora.

Em nossa pesquisa não encontramos na comunidade de Guaraqueçaba nenhum trabalho que se assemelhe ao desenvolvido pelo ProAção, atualmente há somente um trabalho pontual desenvolvido aos finais de semana por uma das igrejas locais, isso nos aponta para a importância desse espaço sócio educativo enquanto um lugar de desenvolvimento humano.

Isso nos leva ao questionamento motriz de nossa pesquisa: será que essa comunidade já fez desse espaço um lugar de significado para si e para sua família? Esse é o questionamento que pretendemos desvelar através dessa pesquisa.

CAPÍTULO II

A TEORIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Considerando a temática da presente pesquisa, a saber, a representação social que a comunidade atendida tem do espaço do ProAção de Guaraqueçaba, julgamos ser imprescindível nos aproximarmos dos conceitos dessa teoria como subsídio para o desvelar dos objetivos da pesquisa.

Não temos aqui a pretensão de discorrer acerca dessa teoria, que parece simples, mas se mostra complexa quando analisada profundamente. Faremos então, um “passeio” por essa teoria, trazendo alguns conceitos importantes a partir do diálogo com seus autores principais e sua contribuição aos estudos sociais.

É a partir da década de 1960 que os questionamentos sobre os elementos de simbologia encontrados nas relações sociais ganharam notoriedade e encontraram espaço nas discussões científicas. No movimento de trazer explicação sobre esse fenômeno são apontadas as primeiras noções de representação e memória social que só foram ter maior repercussão após os anos 80.

Essas aproximações se dão inicialmente através das contribuições de Émile Durkheim, porém, no âmbito da Sociologia, posteriormente, surgem as primeiras definições de representação social, contudo, na área da Psicologia Social, através do romeno naturalizado francês Serge Moscovici em 1961, teoria que depois seria aprofundada por Denise Jodelet e outros estudiosos (ARRUDA, 2002).

Devido a esse movimento teórico de discussão acerca da vida em sociedade, em especial, sobre a representação social, essa temática foi inserida também nas áreas de Saúde, Educação, Filosofia, dentre outras que passaram a utilizar tal teoria, assim, a TRS entra definitivamente no campo da interdisciplinaridade, não sendo, portanto, exclusividade de uma área em particular.

Para ARRUDA (2002, p. 129-130) a TRS anteriormente:

(...) operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Partia da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, prementes nas nossas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo.(...) O universo consensual seria aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o

universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana. As representações sociais constroem-se mais frequentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques.

A autora então nos aponta sobre a riqueza presente na esfera consensual, no cotidiano, nas relações que são estabelecidas, afinal, são elas que irão construir nossas representações sobre o mundo que nos cerca.

Já para BOURGUIGNON (2001, p. 81) a TRS se amplia ao passo que:

(...) busca compreender a construção de saberes sociais, a construção dos significados dados ao social e aos seus elementos constitutivos. Construção que envolve, ao mesmo tempo, atos de conhecimento, afetos, experiências sociais, graus de pertença dos sujeitos a seus grupos sociais; sendo que a base de tudo é o contexto sócio – histórico em que se inserem tais sujeitos. É interessante observar-se que há nas Representações Sociais um conteúdo que expressa a atualidade dos fenômenos sociais, ao mesmo tempo em que não se pode negar o poder de determinação da história e da cultura de um povo.

Moscovici interessou-se pelo “poder das ideias”, pelo estudo de como e porque as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum (OLIVEIRA, 2004, p. 180). Para o autor, “não são realidades, mas representações dela que movem indivíduos e coletividades”.

Ao olharmos para as contribuições fica evidente que as representações não derivam de uma única sociedade, mas das diversas que se fazem culturalmente no interior dessa sociedade maior.

Devido à utilização de tal teoria por áreas tão diversas, tem-se então, também, uma gama de conceitos relacionados como o que nos aponta MOSCOVICI, citado por BOURGUIGNON (2001, p.80):

Se a realidade das representações sociais é fácil de apreender, não o é o conceito. Isto porque se situa numa encruzilhada de conceitos de natureza sociológica, antropológica, filosófica e psicológica, e é preciso mergulhar nestes ramos das Ciências Humanas e Sociais para reatualizar o conceito.

Para JODELET, citada por SPINK (1993, p.300) as representações sociais podem ser definidas como:

(...) modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e

para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. São, conseqüentemente, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos — imagens, conceitos, categorias, teorias —, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam.

Sendo assim, as representações sociais formuladas e inseridas na tecitura social através das relações humanas, refletem em si, a produção e reprodução da cultura, em especial, o conjunto de valores, crenças e costumes que constituem tal grupo social, sendo essas constituições manifestadas através da comunicação e do comportamento (BOURGUIGNON, 2001).

Contudo, ao apontarmos as representações sociais enquanto conhecimento prático gerado no cotidiano, não podemos correr o risco de reduzi-lo a uma produção do senso comum. Para MOSCOVICI, o que se pretende é uma “reabilitação do senso comum” enquanto saber popular (ARRUDA, 2002), mas sem deixar de lado o contexto histórico e seu conteúdo cognitivo que estão intrinsecamente ligados. (BOURGUIGNON, 2001).

Apesar desse risco de categorizarmos a TRS no âmbito do senso comum, fazê-lo seria menosprezar o seu valor e toda construção teórica acerca das inúmeras possibilidades de se (re) construir a realidade social a partir das experiências de vida dos sujeitos que a compõem e da representação que fazem de determinado fenômeno ou objeto. Acerca, BOURGUIGNON (2001, p.82) discorre:

As Representações Sociais fazem uma ponte entre o conhecimento de senso comum e o científico, na medida em que é sistema de acolhida das informações que circulam no meio social, concretizadas através das experiências dos sujeitos envolvidos e dos processos de comunicação. Por ser assim, têm uma carga emocional muito grande, o que facilita as trocas e as partilhas entre diferentes indivíduos, grupos e comunidades.

Portanto, é na interação sujeito/objeto onde as relações sociais são constituídas, sendo o sujeito, através de suas relações estabelecidas com o meio, produtor de determinações sociais, culturais e históricas. Sendo assim, é imprescindível para a análise das representações sociais de determinado grupo ou contexto social, um diálogo rico, inclusive, em escuta qualificada, com seus

integrantes no intuito de conhecermos, na essência, quais os significados e símbolos atribuídos por eles a determinado fenômeno social foco de pesquisa.

Há uma interlocução entre a TRS e o Serviço Social, pois esse último se constitui de caráter investigativo por meio da pesquisa social, a Lei 8.662/93 que regulamenta a profissão aponta enquanto competência desse profissional, dentre outros aspectos, o planejamento, execução e avaliação de pesquisas que contribuam para análise da realidade social como subsídio do caráter interventivo, também característico de tal profissão. Portanto, seja na investigação, ou na intervenção, o estudo das representações sociais se mostra como importante instrumental para o Serviço Social. Para BOURGUIGNON (2001, p. 86):

O estudo das Representações Sociais apresenta possibilidades de investigar um mundo permeado de “sinais”, de “símbolos” e de “linguagens” que expressam diferentes formas de interpretar uma mesma realidade. Podem, principalmente, revelar como os “sujeitos” se apropriam de sua própria realidade, dando pistas aos pesquisadores sobre a natureza das relações sociais. É importante apreender o pensamento dos sujeitos, dos grupos sociais e das coletividades sobre os objetos de sua intervenção e de suas relações, pois as Representações Sociais têm desempenhado função importante na comunicação entre eles e na formação de opiniões, de comportamentos, de atitudes frente às exigências da realidade.

Essa afirmação nos aponta que as relações entre cultura e sociedade não são estáticas, mas interdependentes e em constante movimento, chegam a ser contraditórias em certos momentos, o que possibilita o resgate e a valorização do conhecimento popular, o estreitamento entre as relações e o fortalecimento do diálogo entre os diferentes sujeitos, como persuadem e influenciam-se através da comunicação das ideias.

O que para Sêga (2000, p. 128) pode se traduzir em:

Uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhe concernem [...], pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, a representação social dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade.

Portanto, como nos aponta Paulo Freire no poema A canoa: “Não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”, por meio dessa afirmação podemos dizer que são os sujeitos que constroem as simbologias através de seus saberes individuais e coletivos, dão sentido a um determinado objeto.

CAPÍTULO III

O ESPAÇO COMO LUGAR

O homem através de relações estabelecidas com outros sujeitos e com o mundo-vivido é capaz de dar sentido às suas próprias representações sociais, (re) significando os espaços por onde transita e onde constrói história enquanto ser sócio histórico, ou seja, é o sujeito que traz sentido ao espaço e faz dele um lugar impregnado de sentido e significado.

Espaço e lugar são analisados a partir das relações do homem com o meio. Frequentemente espaço funde-se com lugar, porém, espaço é mais abstrato que lugar, o que começa com espaço indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor, os espaços dependem das experiências que as pessoas têm a partir dele. Em um mundo de espaços universalizados, é a unidade dos acontecimentos e da cumplicidade que trazem sentido ao espaço, lugares, nada mais são do que “espaços funcionais”. (SANTOS, 2009, p. 25)

Historicamente, a definição de lugar só ganhou espaço dentro da geografia após a década de 80, termo que no início do século XX era utilizado como definição da própria geografia, passando então a se tornar categoria de estudo da geografia humanista.

A geografia humanista começou a ser difundida a partir dos estudos do renomado professor Yi-Fu Tuan que cuidadosamente centrou esforços numa geografia humana voltada para “as glórias e misérias da existência humana”. Um dos livros mais importantes do geógrafo intitula-se *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*¹, sendo objeto central da obra, os sentimentos de afetividade/apego e aversão/medo das pessoas ao ambiente natural ou construído, ou seja:

Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível

¹ Yi-Fu Tuan optou por esse termo pois “topus” é uma palavra grega que significa “lugar”, enquanto “filo” significa amor, amizade, afinidade. Esse autor se propôs a encontrar os elementos universais das percepções e valores sobre o ambiente por vários caminhos, como identificar as respostas psicológicas comuns a todas as pessoas (derivadas da evolução biológica e da estrutura básica do cérebro) e depois mostrar que os mesmos tipos de respostas se manifestam na cultura dos povos.

das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação.”(TUAN, 1979, p. 421)

Sendo assim, o ser humano espacializa o mundo por meio dos sentidos e constrói as relações emocionais e de significação criando os lugares. O mundo vivido seria nesse processo como a percepção e apreensão multissensorial do espaço, trazendo a este o sentido de lugar. O autor ainda escolheria uma segunda perspectiva, a da localização, para ele:

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN, 1979, p. 387)

Portanto, podemos dizer que lugar se traduz no espaço que é vivenciado pelo ser humano e que esse processo demanda de um longo tempo e de um profundo envolvimento emocional do sujeito ou grupo social com determinado espaço. Outro autor nos lembra que apesar de se já reconhecer que os lugares possuem personalidades, estas:

[...] são complexas e mudam segundo os que percebem. Existe um evidente contraste entre aquele que percebe como visitante, que observa - que vê a cena superficialmente - e aquele que está 'em casa' e que experimenta o lugar. (POCOCK, 1981, p. 342).

A “experimentação” do lugar nada mais é do que se apropriar de um espaço, fazer dele “sua casa”, sentir-se bem, estar à vontade, vivenciar o lugar, estabelecer relacionamento com o espaço. Lugar se torna num espaço fundamental de ocupação da vida humana, na compreensão do ser-no-mundo e em seu contexto geográfico e social. Sendo através da geografia humanista que lugar se inscreve no escopo das análises enquanto fenômeno e se imprime a necessidade de análise

interdisciplinar para dar conta da sua complexidade contemporânea através das transformações sociais.

O enfoque geográfico humanista coloca em destaque o lugar ao apontar para a relação afetiva do sujeito com o espaço e a pluralidade das experiências que transformam esse espaço em lugar, portanto, entende-se que o lugar é uma realização sentimental e que as vivências pessoais lhe atribuem densidade através de memórias, nostalgias, afinidades, valores que se caracterizam como lembranças do passado, realizações do presente e futuras ações.

A relação do sujeito com o lugar perpassa sua existência à medida que são tão diversos quanto os sonhos e se inscrevem na intimidade, se resguardam na imensidão e na particularidade. Desse modo, determinado lugar, rua, bairro, cidade ou país tem significado diferenciado ao sujeito, nesse pensamento, o que pode diferenciar uma casa de um lar ou o lugar do primeiro beijo de qualquer outro lugar?

Esse processo de apropriação passa por três fases distintas: a percepção, no campo sensorial, a seleção, no campo da memória e, por fim, a significação no campo do raciocínio que leva à ação e à memorização do mundo real ao mundo percebido. A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, seja individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, é como o invólucro da história de vida.

O processo pelo qual os lugares passam, diz Cassirer citado por SANTOS (2009 p. 57), pode ser entendido como processo dinâmico, ou seja, “é assim que os lugares mudam, de papel, de valor, à medida que a história se vai fazendo, desde que se estabeleça uma relação entre o objeto e sua representação”, ou seja,

A geografia considera geralmente os lugares como formas com vida própria, em vez de objetos sociais carregados de uma parcela do dinamismo social total. É preciso fazer claramente a diferença entre aqueles que apenas dão importância às formas, estudando assim o espaço em si mesmo, e aqueles que procuram analisar o espaço nas suas relações com a sociedade. (SANTOS, 2009, p. 58)

Nos colocamos como aqueles mencionados no segundo momento, na busca de analisar o processo do espaço à identidade local, e nessa ação temos um caminho que passa pelo território, territorialidade, relações sociais, valores sócio culturais, significação/percepção, espaços valorizados, construção de memória

coletiva, conservação da história, finalizado em identidade local, caso contrário, o espaço pode se tornar unidade desumana, de alienação do indivíduo. (SANTOS, 2009 p. 35).

A proposta dessa pesquisa é analisar, sob a luz da teoria da representação social e da geografia humanista, a relação estabelecida pela população atendida com o espaço do ProAção de Guaraqueçaba, no intuito de (re) conhecer sua significação para a população que usufrui desse espaço.

Para Sartre citado por SANTOS, 2009 p. 41, “tudo muda quando se considera que a sociedade é apresentada a cada homem como uma perspectiva do futuro, e que esse futuro, penetra até o coração de cada um como uma motivação real a seu comportamento”, essa “perspectiva de futuro” ficou claro nos relatos coletados e representação social associados ao espaço do ProAção.

Para a coleta dos relatos, propomos entrevistas e rodas de conversa com representantes das famílias, dos educandos e dos profissionais que atuam nesse espaço para ouvi-los acerca de seu significado e sentido na relação estabelecida com a comunidade local. Vamos então ouvi-los...

CAPÍTULO IV

AS VOZES DA COMUNIDADE LOCAL DO PROAÇÃO DE GUARAQUEÇABA

Para o levantamento dos dados, fizemos entrevista com representantes da comunidade, como a diretora da única escola de Guaraqueçaba (sede), com a mãe de um educando, com os próprios educandos e com um grupo de colaboradores.

Os dados foram coletados em um período de dois dias no mês de outubro de 2012 em que estivemos acompanhando a rotina do ProAção. Organizamos as falas em três grupos específicos: representantes da comunidade, educandos e colaboradores, para melhor compreensão. Destacaremos alguns trechos das entrevistas para problematização, porém, os relatos na íntegra encontram-se nos anexos dessa pesquisa.

4.1 As vozes dos representantes locais

Entre os representantes da comunidade local, entrevistamos a diretora da única escola municipal da comunidade que fica a uma quadra do ProAção, ela sempre foi moradora de Guaraqueçaba, segundo seu relato: *"Para os alunos que estão ali (no ProAção) o contraturno ajuda bastante, tanto as crianças como as famílias que não tem onde deixar. O atendimento é bem bom, o reforço (escolar) ajuda no que as crianças precisam."* A fala da direção da escola nos sinaliza a respeito da importância local das atividades desenvolvidas no ProAção, tanto para as crianças, no que tange seu desenvolvimento pessoal e interpessoal, quanto para as famílias, como uma opção de atividade às crianças e adolescentes, contudo, o apontamento da diretora sobre reforço escolar está equivocado, dentre as atividades do ProAção, não são desenvolvidas atividades de reforço escolar, isso nos dá indícios de que mesmo a escola tendo sua localização a uma quadra do espaço do ProAção, ainda não há total apropriação por parte da diretora de todas as atividades desenvolvidas no trabalho com as crianças e adolescentes.

Em sua fala a respeito da migração do atendimento de saúde para educação, sua opinião foi positiva, segundo ela, a mudança *"abriu espaço para as crianças, foi bem positivo porque nosso espaço aqui (na escola) é bem reduzido. Para a*

comunidade também é positivo porque oferece boa alimentação e é o único trabalho de contraturno por aqui.”

Tal posicionamento também nos aponta para a relevância do trabalho, por ser o único espaço que oferta esse tipo de atendimento, além de explicitar a precariedade de espaço ao brincar no ambiente escolar. Em nossa visita pudemos constatar essa afirmação dada pela direção, pois as crianças estavam no “horário do recreio” e tinham apenas um hall entre os prédios para esse fim.

A escola atende a 215 alunos e funciona por meio de dualidade administrativa, ou seja, no período da tarde funciona enquanto escola municipal e nos períodos da manhã e noite como escola estadual.

Considerando representantes das famílias, entrevistamos a mãe de um educando que sempre foi moradora de Guaraqueçaba e que reside próximo ao ProAção. Ao ser questionada sobre a importância do ProAção, obtivemos a seguinte declaração:

“Quando era médico, era bom, por outro lado, gosto do atendimento com as crianças. Meu menino, se deixar, quer ficar só ligado no computador, mas ali ele tem amigos, brinca com outras crianças, e também as outras crianças que conheço, se não ficar ali vai para o mar, fica na rua, por isso esse espaço para as crianças é muito bom.

Igualmente ao relato da diretora, o da mãe do educando nos remete à importância dada a esse espaço pela comunidade local, novamente acerca da preocupação por ser um espaço de convivência de crianças e adolescentes e de desenvolvimento de atividades que propiciem as relações de respeito e solidariedade entre os educandos e educadores.

A representante das famílias de educandos ainda relatou acerca de seu relacionamento com o ProAção:

Eu gosto de todos os professores, eu não vou ali, só quando tem reunião, mas antigamente tinha atividades para as famílias com tapete tipo esse (apontando para um tapete de retalhos), fuxico, depois virou só pra criança, eu fiz curso de corte costura ali, o trabalho é bom, gosto deles, a gente vê que tem bom contato com as crianças.

Seu relato faz-nos considerar a importância não só do espaço enquanto lugar de apropriação de crianças e adolescentes, mas também, como um lugar onde suas respectivas famílias também possam ser acolhidas e envolvidas no trabalho desenvolvido. Além da importância da aproximação das famílias do espaço educativo e dos benefícios que decorrem dessa relação quando estabelecida de maneira efetiva, o próprio desenvolvimento de atividades através de oficinas para as famílias se demonstra em um excelente mecanismo de fortalecimento da autoestima e dos vínculos de pertença com o lugar.

Ainda acerca da migração do atendimento, a representante local nos disse que *“o atendimento (médico) mudou de local, mas agora falta muito médico, dentista.”* Sua declaração se deve ao fato de que os atendimentos médicos atualmente são desenvolvidos nos espaços na unidade básica de saúde e no Hospital Regional de Guaraqueçaba, porém, casos mais graves, são encaminhados a Paranaguá, enquanto cidade mais próxima. Os atendimentos odontológicos se dão por meio de um único profissional que atende na unidade de saúde. Vale ressaltar que o valor do barco para Paranaguá está em R\$15,00 (quinze reais) para ida e mesmo valor para volta, tornando ainda mais difícil o acesso à saúde, segundo relatos informais, pessoas que não tem condições de arcar com esse valor, acabam permanecendo doentes, por vezes, tendo seu caso agravado pelo não acesso.

Fizemos ainda tentativa de entrevista com mais dois representantes das famílias, porém, não os encontramos, então, entrevistamos também uma educadora do ProAção que está como Secretária Municipal de Educação, ela é moradora de Guaraqueçaba e está inserida no atendimento às crianças e adolescentes no ProAção desde seu início em 2008, sendo assim, por ter acompanhado todo o processo de transição e desenvolvimento de atividades, somado aos seus conhecimentos enquanto secretária de educação, seu relato se mostra rico em informações que não obtivemos em nenhuma outra entrevista.

Segundo ela:

“Aqui na sede tem o Piá Ambiental, mas o atendimento é bem pontual, atendimento como o feito aqui, só tem esse e vai ainda um longo tempo até termos um espaço como esse. Precisamos muito para tirar as crianças da rua, algumas estão até cometendo

pequenos furtos. A única escola municipal que temos na sede é através de dualidade administrativa com o Estado. A maioria das crianças fica em casa sozinhas, pois os pais tem que sair pra trabalhar, ainda tem um grande público que não conseguiu acessar o atendimento aqui.

Sua declaração igualmente nos remete à relevância do trabalho desenvolvido nesse espaço, agora, como opção à criminalidade, já que algumas que permanecem nas ruas, já têm praticado pequenos furtos. Outra preocupação que se evidencia em sua fala é a de que apesar do atendimento ser significativo, há muitas crianças que ainda não conseguiram acessar um atendimento como o efetuado no ProAção.

A respeito da relação com as famílias sua opinião apontou que:

“Ainda é difícil trazer a família, esse é um desafio porque temos muitos problemas nas famílias daqui: as meninas iniciam a atividade sexual muito precoce, antes mesmo de menstruar, com 10, 11 anos, quando menstruam, logo estão grávidas, inclusive algumas o fazem por dinheiro.”

Essa declaração nos choca, a medida que não só aponta para a dificuldade de aproximar as famílias do espaço do ProAção, como nos faz cientes de uma problemática amplamente rechaçada como a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes e em decorrência, a gravidez precoce de meninas que muitas vezes, ainda na adolescência, já são mães pela quarta ou quinta vez.

Ainda sobre a relação das famílias com o ProAção:

De 2008 a 2009 as famílias vinham com muita frequência aqui, entre 2010-2011 essa frequência foi diminuindo, tivemos muita rotatividade e o vínculo de confiança passa pelo vínculo afetivo, mas estamos com grande expectativa para o ano que vem em retomarmos o trabalho com essas famílias.

Certamente o vínculo de confiança perpassa o vínculo afetivo, além disso, leva tempo até ser estabelecido e se demonstra frágil diante da menor instabilidade, porém, o mais importante é a demonstração de novas iniciativas em prol dessa

(re)aproximação, pois se mostra como expectativa tanto de educadores, quanto das próprias famílias.

Ao ser perguntada sobre o processo de migração do atendimento, apontou que:

“com a mudança de saúde para educação, a população não reclamou porque foi ofertado outra coisa. O Conselho Municipal dos Direitos de Crianças e Adolescentes (CMDCA) enaltece o trabalho feito aqui, porque nas ilhas não tem nada sendo feito nesse sentido. Atualmente temos o Hospital Regional que dá conta dos atendimentos médicos que eram feito aqui, porém, não tem profissionais, não fazem parto, se há alguma gestante precisa ir para Paranaguá para ter a criança, não encontramos remédio no posto, remédios básicos, se a pessoa não tem dinheiro pra comprar, vai pra casa com dor mesmo, podemos dizer que houve um declínio na saúde depois dessa mudança. Os atendimentos odontológicos agora são feitos no posto, mas só tem um dentista para toda a sede e são poucos os procedimentos feitos ali, dependendo a pessoa precisa ir pra Paranaguá, mas daí tem que pagar o barco, além do tratamento.

Pelo descrição acima, podemos atestar que mesmo sendo ofertados em outros espaços, os atendimentos de saúde e odontológicos sofreram certa precarização em detrimento ao atendimento realizado anteriormente. Em contrapartida, iniciou-se um atendimento que até atualmente, se demonstra como único para o público atendido.

A representante local ainda relatou sobre as condições de jovens acima de 14 anos (idade máxima de permanência no Serviço de Apoio Sócio Educativo):

Os jovens tem grande dificuldade aqui, depois dos 15 anos não tem mais nada pra fazer, os pais normalmente vivem da pesca ou do extrativismo, a pesca fica para aqueles que o pai não tem condições de mandar estudar fora, o extrativismo é crime, e mesmo assim as crianças vão junto para ajudar no sustento da família. Como os jovens não tem trabalho, se enfurnam na tecnologia, passam tempo e gastam seu dinheirinho com isso (em lanhouse), a pessoa não estava preparada para receber essa tecnologia... Acredito que uma área que poderia melhorar é algo profissional para os jovens que vivem aqui em subempregos, algo na área do turismo, cultivo de ostra e camarão, fala-se muito em sustentabilidade, mas na maioria das vezes é algo solto, jogado ao vento, não se coloca em prática.

Se para a faixa etária até 14 anos o ProAção se mostra como única opção de espaço sócio educativo, para os adolescentes acima de 15 anos, a situação se torna extremamente difícil, pois além de não ter mais a possibilidade de permanência no ProAção, não possuem alternativas de acesso à qualificação profissional, situação agravada pelos dados estatísticos oficiais de evasão escolar nessa idade, o que corrobora com o *status quo* vivenciado por essa comunidade a gerações consecutivas.

Ao considerarmos os relatos acima podemos perceber que se dão a partir dos olhares de três pessoas em diferentes perspectivas, contudo, podemos dizer que, a representação social que fazem desse espaço se traduz de maneira muito positiva em seus relatos, unanimemente reconhecem esse espaço enquanto espaço importante de socialização, aprendizagem e cultura para as crianças atendidas. Conseguem através da comunicação, fixar suas posições acerca da sua relação com o objeto, no caso, a unidade social, sendo mais ou menos intrínseca, ambas conseguem representar esse objeto socialmente pelo seu alto nível de relevância local, pensando e interpretando sua realidade cotidiana. (SÊGA, 2000, p. 128).

No que tange seu vínculo com o espaço, podemos dizer então, que das representantes locais, uma não possui esse tipo de vínculo, não reconhece aquele espaço enquanto lugar, outra, já teve esse tipo de vínculo, já vivenciou esse espaço enquanto lugar de produção de conhecimento, de troca de experiências, onde deixou um pouco de si e construiu história, processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas (SÊGA, 2000, p. 129). E, por fim, alguém que possui relação intrínseca com o espaço, a ponto de estabelecê-lo enquanto lugar, não só de (re)produção de conhecimento, mas de apropriação, por meio de vínculo afetivo.

4.2 As vozes dos colaboradores I

Vejamos então, qual a representação social que os colaboradores têm desse espaço e se o tem enquanto lugar de apropriação. Para as entrevistas aproveitamos

o momento que chamam de Parada Mensal² onde tivemos a oportunidade de estabelecer diálogo com grande parte dos colaboradores através da dinâmica de roda de conversa. Ao serem questionados sobre sua opinião sobre o ProAção, trouxeram os relatos a seguir. Para o educador 1, esse espaço é *“um lugar de encontros, de se reconhecer no outro, espaço de socialização, durante as oficinas há uma troca de experiências de vida, aprender a viver com as diferenças”*, ou seja, sua fala vem carregada de significado, de apropriação e reconhecimento desse local como único, não só fisicamente, mas nas relações estabelecidas que o fizeram como tal.

O mesmo questionamento foi feito para a educadora 2 que fez o seguinte relato:

“Na sede só há essa unidade que desenvolve esse tipo de trabalho, esse olhar carinhoso da comunidade sobre esse espaço ajuda no trabalho que a gente desenvolve aqui. Eu percebo nesses quatro anos trabalhando aqui que já melhoramos bastante. Um problema aqui são as drogas, estão latentes, o alcoolismo está presente em todas as ilhas.”

Novamente o relato da importância desse espaço para a comunidade local é posto em voga, todavia, a educadora faz menção a dois pontos que ainda não haviam aparecido nos relatos: o fato de que a comunidade teria um “olhar carinhoso” para esse espaço, certamente, em decorrência do mesmo acolher de maneira comprometida as crianças e adolescentes dessa cidade; e o fato de se admitir a problemática, por vezes velada, do uso e abuso de substâncias psicoativas, não somente em Guaraqueçaba, mas em várias outras ilhas do seu entorno.

A educadora 3 deu a seguinte resposta a mesma questão: *“aqui tem o Piá Ambiental, mas até chegar na estrutura que a gente tem, ainda está longe. Se eu fosse criança eu ia estar aqui todos os dias. É muito bom quando você vê uma criança que faz tempo que não vem aparecer. Que isso aqui permaneça.”* Esse relato nos aponta para mais uma nova questão: a valorização da infraestrutura do ProAção, mesmo ainda com debilidades, se mostra o espaço mais adequado para esse tipo de atividade. Outro ponto que gostaríamos de ressaltar é a declaração da educadora no sentido de que *“se eu fosse criança eu ia estar aqui todos os dias”*, tal

² Com o foco institucional de formação contínua, a Parada Mensal é instituída em todas as unidades sociais como um momento mensal em que as atividades cotidianas desse dia dão espaço às atividades de formação e discussão acerca de temáticas relevantes ao grupo local.

declaração nos remonta ao sentimento de pertença que faz desse espaço um lugar repleto de significado, onde se deseja estar.

A colaboradora da cozinha também nos trouxe um relato cheio de significado: “os meninos que já saíram, quando me encontram na rua, me falam: “que saudade daquele seu bolo de chocolate (risos)”, o senso de pertencimento carregado nessa fala nos leva a ponderar que esse vínculo se dá não apenas nos relatos de educadores, que estão no atendimento direto com as crianças, mas também, através do alimento, do cuidado com que faço esse preparo, com o respeito com que trato esse educando e com a acolhida que é dada a eles.

Em ambas as falas dos colaboradores podemos perceber que a representação social que fazem desse espaço também se apresenta de forma muito positiva, ao reconhecerem como “um lugar de encontros, de se reconhecer no outro, espaço de socialização”, como um lugar no qual se tem identificação, inclusive, na relação com a comunidade que, segundo relato, tem um “olhar carinhoso” para esse espaço. Também fica perceptível na fala dos colaboradores a identificação enquanto espaço onde podem desenvolver seu trabalho, ficando claro o prazer envolvido nesse processo.

Ao que se refere a apropriação do espaço enquanto lugar, repleto de significado e afetividade, acredito que é perceptível o vínculo que estabeleceram, não somente fazendo desse espaço um lugar carregado de significado através do histórico de relação de cada um com esse lugar, mas, entre si há nitidamente um forte comprometimento de se “aprender com as diferenças”.

Ao retomarmos o relato da educadora que também ocupa um cargo público na educação, podemos reconhecer seu profundo vínculo com a comunidade local, com o histórico não só do ProAção, mas de Guaraqueçaba como um todo. A representação social que faz desse espaço também se demonstra muito positiva, enquanto espaço único e como um espaço de *possibilidades* para crianças e adolescentes, ao nos remetermos à sua ligação enquanto lugar, também nos fica evidente, não só pelo tempo de vínculo, mas através das preocupações apontadas, que esse espaço é muito mais do que isso, é lugar!

4.3 As vozes dos colaboradores II

O mesmo grupo ao ser questionado sobre a importância local do seu trabalho no ProAção trouxe os seguintes apontamentos: *"Nós precisamos todos uns dos outros, somos um conjunto, uma família, não existiria educador se não tivesse cozinheira, quando eu falto sei que sobrecarrega um de nós, um supre a necessidade do outro. A gente é uma família."* Esse foi o relato da cozinheira, nele é possível perceber o vínculo existente entre o grupo e o reconhecimento do lugar enquanto espaço de vivência da "família".

A educadora 4 trouxe os elementos a seguir:

"A minha oficina serve como instrumento para (educandos) socializarem coisas que nem percebem, de forma natural, sem pensar. Às vezes chegam, falam sobre o que está acontecendo em casa, alguns eram diferente, agora chegam, abraçam, o que querem é carinho, atenção, é você falar a mesma língua deles."

Essa fala nos aponta para um processo de fortalecimento de vínculo entre educador e educando por meio do lugar e seu significado para cada um deles. A educadora 5 diz que *"esse trabalho é muito importante, eu me envolvo mesmo, os educandos falam: 'professora, quando eu crescer, quero ser como você', isso é uma responsabilidade grande."*

Há forte conexão entre educadores e o lugar, não somente pelo vínculo empregatício, mas pela paixão que demonstram pelo lugar e pelas crianças e adolescentes de Guaraqueçaba.

A coordenação pedagógica está a pouco tempo na unidade e em Guaraqueçaba, veio de outra cidade, firmou residência ali e mesmo em tão pouco tempo já declara que *"fui muito bem acolhida, me sinto muito bem aqui, apesar do pouco tempo, me sinto em casa, esse compartilhar nos aproxima."* Sendo assim, com essa fala podemos constatar o nível de relação estabelecida entre a equipe, de maneira a fazer desse espaço um lugar de apropriação de todos através das relações estabelecidas entre eles.

Portanto, ao serem questionados sobre a importância local de seu trabalho, também fica evidente a representação social do espaço do ProAção não somente enquanto local de trabalho, mas enquanto família. O forte sentimento de pertença a esse lugar nos traz também a leitura de que esse espaço de trabalho se tornou em um lugar de relacionamento, onde desenvolvo meu potencial intelectual e me reconheço enquanto parte desse projeto único.

4.4 As vozes dos educandos I

Os dados coletados com os educandos, foram efetuados durante duas das oficinas que estavam acontecendo no momento das entrevistas, utilizamos a dinâmica da roda de conversa para que as crianças e adolescentes tivessem liberdade em manifestar ou não seus posicionamentos, respeitando a individualidade de cada um. As crianças serão identificadas na pesquisa através de codinomes que elas mesmas escolheram para que o fossem.

Repetimos o mesmo questionamento às crianças e adolescentes ao perguntá-los sobre suas opiniões acerca do ProAção, veja a seguir suas respostas:

“Uma segunda casa, porque me sinto à vontade, me divirto.” (Felipe)
“Também acho que aqui é como minha segunda casa, me sinto à vontade, é um espaço pra gente. Eu vim pra cá com 8 anos, depois minha família foi embora pra Santa Catarina, depois pra Pinhais e nesses lugares eu não achei um lugar assim, daí voltamos pra Guaraqueçaba e voltei pra cá.” (Violeta)
“Um programa para as crianças.” (Shakira)
“Um lugar pra gente brincar.” (Jones Jones)
“Um ambiente que podemos compartilhar.” (Kelvin)
“Um ambiente de brincadeira.” (Gabriel)
“Um lugar de assuntos sérios e de aprendizagem.” (Margarida)
“Um lugar para compartilhar nossas necessidades.” (Copeticom)
“Um ambiente limpo” (Gumy)
“Um lugar de diversão.” (Tibia)
“Nosso espaço de lazer.” (Fernando)

Os apontamentos trazidos pelos próprios educandos sobre o ProAção como sendo a *“segunda casa”*, *“ambiente que podemos compartilhar”*, *“lugar de assuntos sérios”* e *“lugar para compartilhar as necessidades”*, nos levam a crer que a representação social desse espaço para eles também se faz de forma muito significativa enquanto um espaço de relacionamentos, de convívio e de aprendizagem.

Esses relatos são fortemente e intensamente carregados de sentimentos, de memória, esse espaço se traduz em um lugar de experimentação, de ser-no-mundo, um lugar que tem sentido, onde já não é somente portas, janelas e paredes, tem

vida, experiência, percepção, apreensão, portanto, é lugar onde se vive e se (re)faz história!

No intuito de ampliar a análise, questionamos os educandos acerca dos elementos de que sentiam falta no espaço do ProAção, para avaliarmos a liberdade, ou não, com que manifestariam suas opiniões, afinal, se nos sentimos em “casa”, nos sentimos livres para manifestar o que gostamos ou não, do que sentimos falta e nesse processo revelamos através da nossa fala a nossa apropriação do lugar, nos reconhecendo como parte dele.

4.5 As vozes dos educandos II

Já no início da roda de conversa, uma educanda tomou a frente, Violeta, apontando para a rede de proteção que fica entre a área de lazer e o mar, já gasta pelo tempo e apresentando alguns buracos, então ela disparou: *“Essa parte é perigosa, deveria ser diferente, quando a maré está cheia é perigoso escorregar e cair, principalmente as crianças mais pequenas.”* Essa declaração demonstrou que sua preocupação está centrada no bem comum, pensou nela, mas também nas outras crianças.

Em seguida, outro educando pediu a fala e então fez seu apontamento: *“podia ter câmeras de segurança”*, ao ser questionado sobre o motivo de sua fala, respondeu: *“porque de noite aqui tem muito vandalismo”*, seu relato deve-se ao fato de que o local tem pátio aberto à comunidade e que muitas vezes acaba sendo alvo de depredação e isso incomoda as crianças. Ainda sob o ímpeto de sua fala, ponderou: *“tinha que ter um piso diferente, esse machuca muito”*, falou isso pois o piso do espaço de lazer é formado de pedras fixadas com cimento.

Outra educanda, Juliana, apontou a necessidade de se ter também uma proteção para que as bolas não quebrassem as lâmpadas da área de lazer, *“porque quebra e pode machucar”*, disse ela.

Um apontamento interessante partiu das educandas Shakira, Rosa e Julia, respectivamente: *“podia ter mais árvores para ser mais bonito”*, *“podia ter árvores com fruta, todo mundo gosta”* e *“tinha que ter mais flores”*. A singeleza e delicadeza de tais declarações nos remetem à sensibilidade das crianças em contemplar os espaços e estabelecer com eles uma relação, fazer deles ambientes acolhedores e lugares de significação.

Além dessas declarações várias outras apontaram para melhorias de infraestrutura e de instrumentos que possibilitassem melhor aproveitamento não só do lugar, mas das atividades desenvolvidas.

Fica evidente nas falas dos educandos que se sentem tão apropriados desse lugar, que com muita liberdade apontam o que nele poderia ser diferente, melhorado. O que para SANTOS (2005, p. 158) pode ser definido como o experimentar o mundo empiricamente, já que é assim que crianças e adolescentes estabelecem sua relação com o mundo ao seu redor.

Os relatos demonstram a preocupação com esse lugar que é de apropriação de todos, sobre a rede de proteção para o mar e lâmpadas, sobre área mais verde e colorida por flores, a preocupação com o vandalismo que depreda o lugar que é *nosso*, com o piso que machuca nas brincadeiras, com os materiais, com a seleção do lixo, enfim, eles conhecem os pontos de melhoria e sentem-se à vontade para falar sobre eles, contudo, nenhum desses aspectos os faz amar menos esse lugar, desejar menos estar lá cotidianamente.

É importante mencionar que no momento da coleta dos dados da pesquisa, estavam também no ProAção equipes de infraestrutura da instituição para analisar o local, a visita estava prevista dentro de um plano de melhorias dos espaços, incluindo a restauração de alguns que atualmente não tem condições de serem utilizados, possibilitando assim, a ampliação das atividades.

Esse processo nos evidenciou a preocupação institucional que veio ao encontro dos anseios de educandos e colaboradores para fazer desse lugar, ainda mais de apropriação de todos, inserindo e envolvendo novamente as famílias no processo sócio educativo, para que também se relacionem com esse espaço enquanto um lugar através do vínculo de pertença.

“O mundo, nas condições atuais, visto como um todo, é nosso estranho. O lugar, nosso próximo, restitui-nos o mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência. No lugar, estamos condenados a conhecer o mundo pelo que ele já é, mas, também, pelo que ainda não é. O futuro, e não o passado, torna-se a nossa âncora.” SANTOS (2005, p. 163)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos a relação homem-mundo na contemporaneidade, podemos perceber um movimento de quase desumanização, vivemos numa era paradoxal, onde nunca se falou tanto em direitos e nunca se viu tanta violação deles. É um momento onde as coisas se tornaram mais importantes que as pessoas, onde o humano se resumiu a uma existência para o consumo, dessa forma, surge a necessidade de recolocar o homem no centro das relações com o mundo, fazer o caminho reverso da coisificação.

Essa pesquisa nos possibilitou uma aproximação com esse caminho, com certeza a maior riqueza deu-se na possibilidade das relações, do diálogo, da escuta, de conhecer uma comunidade que tem sua história, sua cultura e não se envergonha dela. Em saber que há espaços significativos para essas pessoas que apreendem cotidianamente,

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender, por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir[...] (FREIRE, 1996, p. 69)

Certamente educadores, colaboradores e educandos tem trabalhado na (re)construção daquele espaço como um lugar repleto de significado, de história, de sentido. Seus relatos manifestam a representação social que fazem, através dos símbolos, dos valores, da cultura, que tal espaço representa, sempre atrelado ao sentido de *estar em casa*. Esse sentimento nos demonstra que há um nível de apropriação grande entre os sujeitos que transitam por esse espaço, fato esse explicitado através de suas falas.

Essa apropriação se dá de maneira tão intensa que fica visível em seus relatos por meio dos significados que atribuem a esse espaço, que indubitavelmente, fizeram dele um lugar, no sentido mais amplo do que TUAN (1979) nos remete, ao caminho das emoções, percepções multisensoriais e históricas que nos vinculam a determinados espaços.

As potencialidades do ProAção são inúmeras, a começar por sua proximidade geográfica com a comunidade local e com a única escola da sede, ainda apontaria

para o fato de já a comunidade ter tido um momento de aproximação e apropriação do espaço, que somado ao *carinho* que têm por essa unidade e ao engajamento e amor ao trabalho desenvolvido pela equipe educativa, tem grandes chances de proporcionar um impacto ainda maior no local onde estão inseridos.

Portanto, a maior riqueza do ProAção é a representação social e a apropriação que seus colaboradores e educandos tem desse espaço e sua relação com ele transformando-o em lugar onde se deseja estar.

Ainda apontaria enquanto desafio a ser superado, aproximar-se da comunidade local, restabelecer vínculos novamente, alcançando as famílias internas da unidade e do entorno para expandir o trabalho desenvolvido. Também apontaria para a dificuldade de encaminhamento e acompanhamento de situações de risco e vulnerabilidade presentes na unidade social pelos educadores que não apresentam tempo e formação para tal, causando, em vários momentos, uma angústia por não saber como lidar com tais situações.

No que diz respeito à estrutura física, dentro dos apontamentos que foram elencados pelos educandos e confirmados por nossa visita, nos tranquiliza o fato de a instituição já ter um plano de restauração e adequação dos espaços às atividades sócio educativas.

A imersão, mesmo que breve, em Guaraqueçaba e no espaço do ProAção foi de grande impacto em nossa vida, assim como a própria especialização que ampliou o olhar, agregou novos saberes e nos deu a chance de dialogar com eles através de nosso próprio saber. “Sempre recusei os fatalismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam.” (FREIRE, 1996, p. 115).

REFERÊNCIAS

ABREU, M. M. **Serviço Social e a organização da cultura**: perfis pedagógicos da prática profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

ARAÚJO, W. R. **Representações Sociais sobre família e classes sociais**. Recife, 2003. Disponível em http://www.btdt.ufpe.br/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3329 . Acesso em 26/08/2012.

ARRUDA, A. **Teoria das representações sociais e teorias de gênero**. Disponível em www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf . Acesso em 26/08/2012.

CORRAZA, A. P. **Percepção da paisagem e do ecoturismo na área de proteção ambiental de Guaraqueçaba – Paraná – Brasil**. 2008. Curitiba: UFPR. Disponível em http://www.floresta.ufpr.br/pos-graduacao/defesas/pdf_ms/2008/d508_0670-M.pdf . Acesso em 07/07/2012.

BOURGUIGNON, J. A. A pesquisa sobre representações sociais no contexto do Serviço Social. IN : **Revista Emancipação**, 1(1): 77-88, 2001. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/viewArticle/25> . Acesso em 26/08/2012.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social**. Brasília, setembro de 2004.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Norma Operacional Básica - NOB/SUAS**. Brasília, julho de 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 35ª Ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

GARRET, A. **A entrevista, seus princípios e métodos**. 10ª ed. Rio de Janeiro. Agir, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1987.

IPARDES (Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social). **Caderno Estatístico do Município de Guaraqueçaba**. 2012. Disponível em <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=83390&btOk=ok>>.

Acesso em 07/07/2012

MAGALHÃES, S. M. **Avaliação e Linguagem: relatórios, laudos e pareceres**. São Paulo : Veras, 2003

MARTINELLI, M. L. (org.) **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1999.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

RAICHELIS, R.; RICO, E. M. **Gestão Social: uma questão em debate**. São Paulo: EDUC/IEE, 1999.

RAMOS, R. A. **As Representações Sociais sobre a prática profissional do assistente social nos centros de atenção psicossocial no Ceará**. Recife: 2003. Disponível em http://www.btdt.ufpe.br/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=434.

Acesso em 26/08/2012.

SANTOS, M. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Edusp (Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Edusp (Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SÊGA, R. A. **Revista Anos 90 (UFRGS)**, Porto Alegre, n. 13, julho de 2000. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf>>. Acesso em 26/08/2012.

SPINK, M. J. P. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial**. Disponível em <www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/17.pdf> Acesso em 26/08/2012.

TUAN, Y. **Space and place: humanistic perspective**. In: GALE, S. OLSSON, G. (orgs.). *Philosophy in Geography*. Dordrecht : Reidel, 1979, pp. 387-427. (Publicado originalmente em: *Progress in Geography*, (6), pp. 211-252, 1974).

OLIVEIRA, S. B. S. **Representações Sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 19, número 55, 2004. Disponível em <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/IndArtRev.jsp?iCveNumRev=1159&iCveEntRev=107>>. Acesso em 26/08/2012.

POCOCK, D. C. D. **Place and the novelist**. *Transactions of the Institute of British Geographers N. S.*, (6), pp. 337-347, 1981.

ANEXOS

ANEXO 1: TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar

Tema da Pesquisa: A representação social do ProAção Guaraqueçaba para sua população atendida

Orientanda: Grasielle Dalbão Rodrigues Modesto de Camargo

Orientadora: Prof^a Helena Midori Kashiwagi

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, portador (a) do RG. _____, autorizo Grasielle Dalbão Rodrigues Modesto de Camargo a utilizar o conteúdo da entrevista por mim fornecida em sua monografia do curso de Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar.

Curitiba, ____ de _____ de 2012.

Assinatura

ANEXO 2: ENTREVISTA COM DIRETORA DA ESCOLA MUNICIPAL ANTONIO BARBOSA PINTO

QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O PROAÇÃO DE GUARAQUEÇABA?

"Para os alunos que estão ali (no ProAção) o contraturno ajuda bastante, tanto as crianças como as famílias que não tem onde deixar. O atendimento é bem bom, o reforço (escolar) ajuda no que as crianças precisam.

A mudança do posto de saúde para um espaço de educação foi positiva porque abriu espaço para as crianças. Foi bem positivo porque nosso espaço aqui (na escola) é bem reduzido. Para a comunidade é positivo porque oferece boa alimentação e é o único trabalho de contraturno por aqui, na escola não teria espaço.

A escola municipal está em construção e depois há um projeto de contraturno, mas ainda vai demorar um pouco”.

ANEXO 3: ENTREVISTA COM MÃE DE EDUCANDO DO PROAÇÃO

QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O PROAÇÃO DE GUARAQUEÇABA?

“Quando era médico, era bom, por outro lado, gosto do atendimento com as crianças. Meu menino, se deixar, quer ficar só ligado no computador, mas ali ele tem amigos, brinca com outras crianças, e também as outras crianças que conheço, se não ficar ali vai para o mar, fica na rua, por isso esse espaço para as crianças é muito bom.

Eu gosto de todos os professores, eu não vou ali, só quando tem reunião, mas antigamente tinha atividades para as famílias com tapete tipo esse (apontando para um tapete de retalhos), fuxico, depois virou só pra criança, eu fiz curso de corte costura ali, o trabalho é bom, gosto deles, a gente vê que tem bom contato com as crianças.

O atendimento (médico) mudou de local, mas agora falta muito médico, dentista.”

ANEXO 4: ENTREVISTA COM SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O PROAÇÃO DE GUARAQUEÇABA?

“O trabalho aqui teve início em 2008, estou desde essa época aqui. Aqui na sede tem o Piá Ambiental, mas o atendimento é bem pontual, atendimento como o feito aqui, só tem esse e vai ainda um longo tempo até termos um espaço como esse. Precisamos muito para tirar as crianças da rua, algumas estão até cometendo pequenos furtos. A única escola municipal que temos na sede é através de dualidade administrativa com o Estado. A maioria das crianças fica em casa sozinhas pois os pais tem que sair pra trabalhar, ainda tem um grande público que não conseguiu acessar o atendimento aqui.

O valor desse trabalho é grande, os Maristas tiveram um amor muito grande por Guaraqueçaba abrindo esse espaço. Ainda é difícil trazer a família, esse é um desafio porque temos muitos problemas nas famílias daqui: as meninas iniciam a atividade sexual muito precoce, antes mesmo de menstruar, com 10, 11 anos, quando menstruam, logo estão grávidas, inclusive algumas o fazem por dinheiro, cobram R\$2,00, R\$5,00...

Com a mudança de saúde para educação, a população não reclamou porque foi ofertado outra coisa. O Conselho Municipal dos Direitos de Crianças e Adolescentes (CMDCA) enaltece o trabalho feito aqui, porque nas ilhas não tem nada sendo feito nesse sentido.

De 2008 a 2009 as famílias vinham com muita frequência aqui, entre 2010-2011 essa frequência foi diminuindo, tivemos muita rotatividade e o vínculo de confiança passa pelo vínculo afetivo, mas estamos com grande expectativa para o ano que vem em retomarmos o trabalho com essas famílias.

Atualmente temos o Hospital Regional que daria conta dos atendimentos médicos que eram feito aqui, porém, não tem profissionais, não fazem parto, se há alguma gestante precisa ir para Paranaguá para ter a criança, não encontramos remédio no posto, remédios básicos, se a pessoa não tem dinheiro pra comprar, vai pra casa com dor mesmo, podemos dizer que houve um declínio na saúde depois dessa mudança. Os atendimentos odontológicos agora são feitos no posto, mas só tem um dentista para toda a sede e são poucos os procedimentos feitos ali, dependendo a pessoa precisa ir pra Paranaguá, mas daí tem que pagar o barco, além do tratamento.

Os jovens tem grande dificuldade aqui, depois dos 15 anos não tem mais nada pra fazer, os pais normalmente vivem da pesca ou do extrativismo, a pesca fica para aqueles que o pai não tem condições de mandar estudar fora, o extrativismo é crime, e mesmo assim as crianças vão junto para ajudar no sustento da família. A continuidade do sagrado está sendo perdida pelos jovens, a perda do fandango é um exemplo. Como os jovens não tem trabalho, se enfurnam na tecnologia, passam tempo e gastam seu dinheirinho com isso, a pessoa não estava preparada para receber essa tecnologia...

Acredito que uma área que os Maristas poderiam melhorar é algo profissional para os jovens que vivem aqui em subempregos, algo na área do turismo, cultivo de ostra e camarão, fala-se muito em sustentabilidade, mas na maioria das vezes é algo solto, jogado ao vento, não se coloca em prática.

ANEXO 5: ENTREVISTA COM GRUPO DE COLABORADORES

QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O PROAÇÃO DE GUARAQUEÇABA?

“Um lugar de encontros, de se reconhecer no outro, espaço de socialização, durante as oficinas há uma troca de experiências de vida, aprender a viver com as diferenças.”

(Educador 1 – morador de Guaraqueçaba e educador no ProAção)

“Na sede só há essa unidade que desenvolve esse tipo de trabalho, esse olhar carinhoso da comunidade sobre esse espaço ajuda no trabalho que a gente desenvolve aqui. Eu percebo nesses quatro anos trabalhando aqui que as dúvidas, as melhorias, já melhoramos bastante, pessoas saíram, e depois de terem reconhecido a proposta se arrependeram. Um problema

aqui são as drogas, estão latentes, o alcoolismo está presente em todas as ilhas.”

(Educatora 2 – moradora de Guaraqueçaba, educadora no ProAção e Secretária Municipal de Educação)

“Aqui tem o Piá Ambiental, mas até chegar na estrutura que a gente tem, ainda está longe. Se eu fosse criança eu ia estar aqui todos os dias. É muito bom quando você vê uma criança que faz tempo que não vem aparecer. Que isso aqui permaneça.”

(Educatora 3 – moradora de Guaraqueçaba e educadora no ProAção)

“Os meninos que já saíram, quando me encontram na rua, me falam: “que saudade daquele seu bolo de chocolate (risos)”

(Cozinheira 1 – moradora de Guaraqueçaba e cozinheira no ProAção)

ANEXO 6: ENTREVISTA COM GRUPO DE COLABORADORES

QUAL A IMPORTÂNCIA LOCAL DO SEU TRABALHO?

“Nós precisamos todos um do outro, somos um conjunto, uma família, não existiria educador se não tivesse cozinheira, quando eu falto sei que sobrecarrega um de nós, um supre a necessidade do outro. A gente é uma família. As vezes eu falo e vejo que errei, eu reconheço, as minhas filhas (biológicas) falam que me envolvo demais, mas eles são como meus filhos.”

(Cozinheira 1 – moradora de Guaraqueçaba e cozinheira no ProAção)

“A minha oficina serve como instrumento para (educandos) socializarem coisas que nem percebem, de forma natural, sem pensar. As vezes chegam, falam sobre o que está acontecendo em casa, alguns eram diferente, agora chegam, abraçam, o que querem é carinho, atenção, é você falar a mesma língua deles. As vezes chegam com medo, são muito tachados, mas eu não tenho receio.”

(Educatora 4 – moradora de Guaraqueçaba e educadora no ProAção)

“Esse trabalho é muito importante, eu me envolvo mesmo, os educandos falam: ‘professora, quando eu crescer, quero ser como você’, isso é uma responsabilidade grande.”

(Educatora 5 – moradora de Guaraqueçaba e educadora no ProAção)

“Faz pouco tempo que estou aqui, mas fui muito bem acolhida, me coloquei à disposição, para estabelecer um elo de confiança, para mostrar que vinha para contribuir. Me sinto muito bem aqui, apesar do pouco tempo, me sinto em casa, esse compartilhar nos

aproxima.” (Coordenadora Pedagógica 1 – moradora recém chegada em Guaraqueçaba e Coordenadora Pedagógica no ProAção)

ANEXO 7: ENTREVISTA COM GRUPO DE EDUCANDOS

QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O PROAÇÃO DE GUARAQUEÇABA?

“Uma segunda casa, porque me sinto à vontade, me divirto.” (Felipe)

“Também acho que aqui é como minha segunda casa, me sinto à vontade, é um espaço pra gente. Eu vim pra cá com 8 anos, depois minha família foi embora pra Santa Catarina, depois pra Pinhais e nesses lugares eu não achei um lugar assim, daí voltamos pra Guaraqueçaba e voltei pra cá.” (Violeta)

“Um programa para as crianças.” (Shakira)

“Um lugar pra gente brincar.” (Jones Jones)

“Nosso espaço de lazer.” (Fernando)

“Um ambiente que podemos compartilhar.” (Kelvin)

“Um ambiente de brincadeira.” (Gabriel)

“Um lugar de assuntos sérios e de aprendizagem.” (Margarida)

“Um lugar para compartilhar nossas necessidades.” (Copeticom)

“Um ambiente limpo” (Gumy)

“Um lugar de diversão.” (Tibia)

ANEXO 8: ENTREVISTA COM GRUPO DE EDUCANDOS

NA SUA OPINIÃO, FALTA ALGO NO PROAÇÃO?

“Essa parte (apontando para a rede de proteção entre a área de lazer e o mar) é perigosa, deveria ser diferente, quando a maré está cheia é perigoso escorregar e cair, principalmente as crianças mais pequenas.” (Violeta)

“Podia ter um parque pra gente brincar, ter mais árvores para ser mais bonito e pintar a quadra.” (Shakira)

“Podia ter mais computadores pra gente.” **(Tibia)**

“A internet podia funcionar, ela funciona, mas as vezes não.” **(Gabriel)**

“Podia ter câmeras de segurança porque de noite aqui tem muito vandalismo (o espaço é aberto). Tinha que ter um piso diferente, machuca muito, olha aqui ó” - apontando para o dedo de um colega que estava machucado. **(Fernando)**

“Podia ter mais bolas de vôlei, as que tem estão estragadas.” **(Rosa)**

“Podia ter novos instrumentos, teclado, bateria...” **(Copeticom)**

“Podia ter uma grade para a bola não cair na água e não bater na lâmpada porque quebra e pode machucar, também podia ter coleta seletiva de lixo, a que tem é pouco.” **(Juliana)**

“Sim, podia ter mais bolas e proteção nas janelas e nas lâmpadas pra bola não bater, a rede de vôlei também está rasgada e a internet não pega.” **(Jones Jones)**

“Podia reformar a quadra de futebol.” **(Penélope)**

“Podia ter árvores com fruta, todo mundo gosta.” **(Rosa)**

“Tinha que ter mais flores.” **(Julia)**

“Podia ter mesa de ping pong, é legal!” **(Gumy)**

“Tinha que ter trave de futebol, espaço pra queimada e vôlei e futebol no mesmo lugar.” **(Margarida)**

“Quería que tivesse mais violão porque quando tem duas turmas falta violão.” **(Carmen)**